

PROGRAMA PÚBLICO

25 de março de 2023

Workshop de Pedagogias Experimentais: *White Blindspot*
orientado por Frame Colectivo e Maribel Mendes Sobreira

6 de maio de 2023

Workshop de Pedagogias Experimentais: *Rebel Islands – Zapatista
Autonomy (Parte 1/2)*
orientado por Lorena Tabares Salamanca

+

GALERIA MUNICIPAL DE ALMADA

exposição com Dima Mabsout, ETC, Filipa César, Frame Colectivo

PROGRAMA PÚBLICO

28 de abril de 2023

Mesa-redonda aberta: Direito à Habitação

20 de maio de 2023

Workshop de Pedagogias Experimentais: *Rebel Islands – Zapatista
Poetics (Parte 2/2)*
orientado por Lorena Tabares Salamanca

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA DA BOAVISTA

Rua da Boavista 50, 1200-066 Lisboa

Todos os dias 10h-13h e 14h-18h

Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação

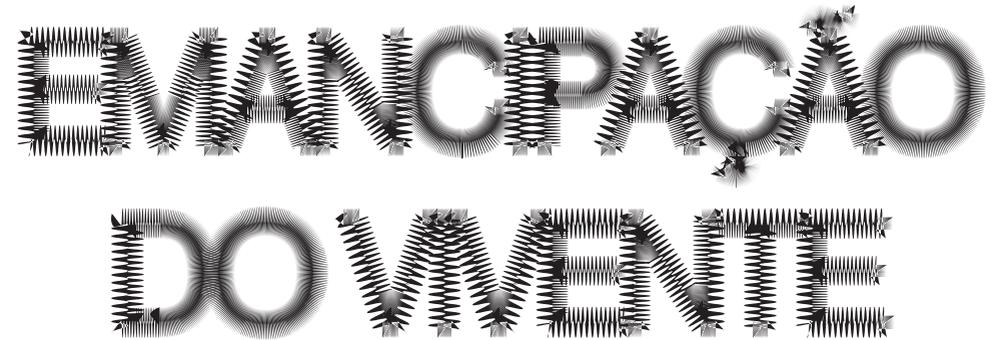
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt



GALERIA DA BOAVISTA

24.02–28.05.2023



~ EMANCIPATION OF THE LIVING ~

curadoria

Museum for the Displaced

com

Alfredo Jaar, Colectivo Ayllu
(Alex Aguirre Sánchez, Leticia/Kimy
Rojas, Francisco Godoy Vega,
Lucrecia Masson, Yos Piña Narváez),
Frame Colectivo (Gabriela Salhe,
Agapi Dimitriadou), Raquel Lima

- 1 – 4
COLECTIVO AYLLU /
MIGRANTES TRANSGRESORXS
Acciones callejeras, políticas y estéticas ancestrales [Ações de rua, políticas e estéticas ancestrais], 2014-23
Cortesia dos artistas.
- 1
No esperaban que sobrevivieramos II
[Não esperavam que sobrevivêssemos], 2020-23
Asas-cartazes, cartão e pintura acrílica, marcadores, cola, 60 × 100 cm (cada)
- 2
Beautiful Creatures [Criaturas Maravilhosas], 2019
Vídeo, 4'01"
Tradução e subtítulos: Inés Estébanez e Inês Tavares Gorgulho.
- 3
Transfeminismos y decolonialidad: ¿y por casa cómo andamos? [Transfeminismo e decolonialidade: Por casa como andamos?], 2014
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Migrantes Transgresorxs

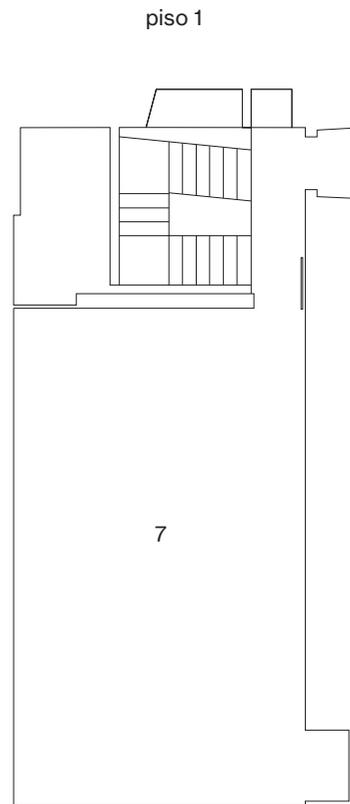
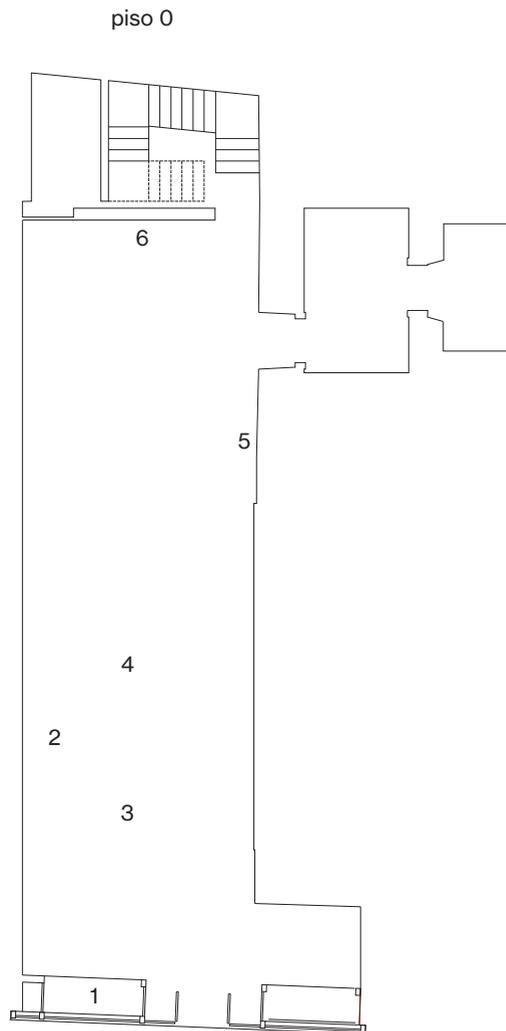
Escupir la Rabia [Escupir a Raiva], 2018
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Nayare Soledad Otoronga

No son 50, son 500 años en resistencia. Sexualidades abominables, ancestrales y placenteras [Não são 50, são 500 anos em resistência. Sexualidades abomináveis, ancestrais e prazenteiras], 2019
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Navxja

No esperaban que sobrevivieramos [Não esperavam que sobrevivêssemos], 2020
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Emilio Papamija
- Sexualidades ancestrales II* [Sexualidades ancestrais II], 2022
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Galaxia La Perla

Entre aromas, sabores y música [Entre aromas, sabores e música], 2022
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Iren Márquez dos Santos

Se nos perdió el amor, tenemos que encontrarlo [Perdeu-se-nos o amor, temos de o encontrar], 2022
Cartaz impresso em tecido, 150 × 100 cm
Design: Galaxia La Perla
- 4
Somos el sueño de nuestrxs ancestrxs [Somos o sonho dxs nossxs ancestrxs], 2022
Tinta acrílica sobre faixa de tecido, 405 × 141 cm
- 5
RAQUEL LIMA
O Meu Útero Não Está na Europa, 2023
Video-instalação poética, dimensões variáveis
Captação de vídeo: Mónica Baptista, Odair Rocha e Raquel Lima; Captação de som: Danilo Lopes; Edição de som e vídeo: Sara Morais; Design gráfico: Mónica Monteiro; Desenhos: Daniela Rodrigues; Sonoplastia: Sara Morais, Kwame Write, Revy Boadu. Mix/master: Drumnayshin, DNWE studios. Cortesia da artista.
- 6
ALFREDO JAAR
1992, 1992
Caixa de luz e ektachrome, 51 × 61 cm
Col. José Carlos Santana Pinto
- 7
FRAME COLECTIVO
calibragem, 2023
Instalação multimédia, dimensões variáveis
Texto mural: Sónia Baptista; Agradecimentos: Andrés Izasa, Giulia EDOM, Julieta Ruiz, Leandro Miyashiro, Kai Maciel, Gabriela Guimarães.
Cortesia dos artistas.



«Imagine, idealize como seria se o seu conforto, a sua diversão, a sua segurança não dependessem da privação de outrem. É possível.»

– Toni Morrison in *The Source of Self-Regard*

O Museum for the Displaced interpreta o termo Dis place/ meant¹ (deslocamento) de um modo expansivo, como algo que pode acontecer tanto a seres humanos como não-humanos. O deslocamento pode ser um estado físico, mental e/ou emocional. Encontra-se frequentemente ligado a experiências traumatizantes, como a migração forçada, cuja desconstrução e cura requerem tempo. Ocorre através de múltiplas formas de violência, tanto física como económica; a filhas de imigrantes; ou a quem simplesmente vive num espaço entre diferentes culturas, línguas e costumes. Deslocamento é ser-se despejado pela incapacidade de pagar as elevadas rendas das cidades, ou porque certas empresas imobiliárias cobiçam o terreno no qual construímos a nossa casa. Deslocamento é perder a ligação com a terra debaixo dos nossos pés. Deslocamento é ser-se desenraizado e não voltar a encontrar uma casa. Deslocamento é ter de inventar uma nova casa a partir de fragmentos.

Emancipação do Vivente é a primeira exposição do Museum for the Displaced. O projeto, nascido de uma colaboração entre as Galerias Municipais de Lisboa e Almada, ocupa simultaneamente dois espaços, um em cada uma destas cidades vizinhas e profundamente interligadas que, na última década, têm vindo a testemunhar um enorme movimento e mudança, incluindo um processo de rápida gentrificação. Em Lisboa, as obras de Colectivo Ayllu, Raquel Lima, Alfredo Jaar e Frame Colectivo focam-se na Europa enquanto território colonizador, enquanto, em Almada, as obras de Frame Colectivo, Dima Mabsout, ETC e Filipa César refletem sobre questões relacionadas com o território, a expropriação e os direitos à habitação.

Enquanto país do sul da Europa, Portugal faz parte de uma Europa-fortaleza sem escrúpulos que transformou o mar Mediterrâneo numa vala comum anónima, recusando-se a incluir os deslocados na sua identidade contemporânea. Em resposta direta à matriz colonial que caracteriza a sociedade europeia, a exposição na Galeria da Boavista

abre com uma instalação *site-specific* do Colectivo Ayllu, cuja prática artística se traduz num projeto de cura ancestral e anticolonial. O diálogo continua com uma instalação poética da artista Raquel Lima sobre as conexões entre a mandíbula e a pélvis, e as memórias ancestrais de violência uterina, partindo de uma perspectiva afrodiaspórica. Uma caixa de luz com uma fotografia de 1992, do artista Alfredo Jaar, retrata os muros de arame farpado da União Europeia, e uma instalação de vídeo do ateliê de arquitetura Frame Colectivo reflete sobre a nossa percepção das infraestruturas extrativistas e industriais no coração da Europa. As obras apresentadas analisam a Europa a partir de dentro, como se através de um telescópio invertido, denunciando a forma como o continente estabeleceu uma relação colonial com a prática da vida, essencialmente sufocando todas as outras possíveis formas de coexistência.

O Frame Colectivo faz a ponte com Almada, trazendo à luz os recentes despejos no bairro do 2º Torrão no rés-do-chão da galeria. A documentação relativa à história de resistência do bairro será partilhada com os transeuntes, alertando para a situação que vivem os atuais e anteriores residentes do 2º Torrão. A expropriação é um tema igualmente abordado pela dupla de arquitetos ETC, que se foca na potencial mineração de lítio e outros megaprojetos no norte de Portugal, particularmente em Montalegre e Covas do Barroso, numa instalação que utiliza a ficção e a narrativa fragmentada, destacando agências não-humanas. O filme *Mining Soil* (2012-14), de Filipa César, sublinha as palavras de Amílcar Cabral, engenheiro agrónomo e líder da independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, relacionando a erosão do solo no Alentejo com a história colonial portuguesa. A artista multidisciplinar Dima Mabsout convida o público a ganhar a coragem necessária para reconhecer a realidade em que vivemos através do estudo da ligação humana com a terra. A apresentação na Galeria Municipal de Almada abre possibilidades de resistência que insistem no prosperar de todas as formas de vida.

A exposição sublinha a importância da coletividade, das práticas colaborativas e da autonomia como a única forma de alcançar futuros sustentáveis. O Museu, em si próprio um coletivo, vê a sua “coleção”

como um arquivo de relações vivas em permanente mudança, no qual importa onde colocamos o nosso horizonte. Assim determinamos o que consideramos importante documentar e apresentar para que seja recuperado como parte integral das nossas histórias e culturas. Este arquivo vivo potencia a emergência de novos tipos de relações, não só entre nós, mas também com aquilo que imaginamos ser possível.

- 1 O teórico e poeta norte-americano Fred Moten na sua palestra *Building and Bildung und Blackness: Algumas Questões Arquitectónicas para Fela*, 10 de Março de 2022. Moten reúne o “Place/meant” de Amiri Baraka e o “Dis Place” de M. NourbeSe Philip, na esperança de operar dentro de uma “resistência ruptural e recusa a uma história contínua de deslocamento soletrado regularmente”.